

Montreal propõe reinvestimento

Nova Iorque — O Banco de Montreal apostou no futuro do Brasil, ao anunciar um plano que prevê a transformação de parte da dívida externa brasileira — 100 milhões de dólares — em investimentos na economia brasileira. Ao fazer o anúncio, o presidente do banco, William Mulholland, afirmou que a iniciativa serviria para mostrar que tanto os credores como o Brasil dirigem suas ações para a retomada do ritmo de crescimento brasileiro e estimou que esta operação abriria o caminho para outras do mesmo tipo. O presidente da filial do Banco de Montreal no Brasil, Pedro Leitão da Cunha, iniciou ontem mesmo gestões junto ao Banco Central e demais autoridades competentes para obter as autorizações necessárias.

Sobre esse tipo de operações, explicou Mulholland à imprensa, “tem-se falado muito, porém nada há até agora”, porque isto implica num risco “muito grande e muito delicado”.

De um modo geral, a operação se desdobra assim:

— Os empréstimos em dólares serão transformados em títulos negociáveis

e vendidos a pessoas ou entidades jurídicas brasileiras por seu valor nominal, em cruzados.

— Os cruzados obtidos serão imediatamente reinvestidos na economia brasileira.

Se isso for feito, o Banco Central pretende agir da seguinte maneira:

— criar uma filial em Barbados, encarregada de administrar as participações nas diversas áreas de investimentos do Brasil.

— Solicitar autorização para estabelecer uma carteira de investimentos no Brasil.

— Solicitar ao Banco do Brasil as autorizações necessárias para a conversão da dívida e registro dos valores que resultem desta operação.

— Encarregar a sua filial do Banco de Montreal Investimento S.A. a administração de seus investimentos no Brasil, que incluirão, segundo informou Mulholland, valores altamente cotados na praça brasileira.

O Banco de Montreal considera-se em posição particularmente privilegiada para empreender uma operação desta envergadura, em função de seu amplo conhecimento do

mercado brasileiro.

Embora reconhecendo que qualquer investimento implica riscos, Mulholland acha que estes são mínimos se se leva em conta a capacidade administrativa da equipe instalada e o potencial econômico futuro do Brasil.

Perguntado sobre se o Brasil precisa de um plano para negociar com seus credores a dívida de 108 milhões de dólares, a mais alta do Terceiro Mundo, Mulholland saiu com uma evasiva: “O que importa é que as bases sejam essas, o resto vem sozinho”.

Ainda assim, afirmou que os problemas que levaram o Brasil a suspender o pagamento dos juros de parte de sua dívida requerem a adoção de “medidas decisivas” por parte do governo brasileiro. Ele acha que a dívida deve ser inscrita no “plano mais amplo” do desenvolvimento econômico. Perguntado sobre se os demais banqueiros compartilham de seus pontos de vista, Mulholland reconheceu que a questão da “capitalização da dívida” não goza de boa recepção entre seus colegas.